

SOB O SIGNO DA POESIA: UM POETA ENTRE POETAS

Por ocasião da passagem do 80º aniversário de António Ramos Rosa, o Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras do Porto promoveu um colóquio centrado no poeta de Estou vivo e escrevo sol, (re)lido a partir das perspectivas de cinco diferentes vozes da poesia portuguesa contemporânea.

Não é a primeira vez que se assinala e homenageia publicamente essa idade redonda de um escritor, e a explicação mais plausível para o destaque atribuído a este marco temporal tem certamente a ver com o facto de 80 anos, para um escritor (ou para um artista em geral), corresponder já, salvo algumas vocações ou projecções mais tardias, a meio século de dedicação à arte, no caso concreto, à publicação de poesia e ensaio.

É verdade que se tivermos como princípio a data de publicação do primeiro livro, essas bodas de ouro para António Ramos Rosa ocorrerão apenas em 2008, uma vez que a plaquette O Grito Claro veio a lume em 1958, já o seu autor contava 34 anos. No entanto, surgiram aí poemas anteriormente publicados, que remontam a finais da década de 40 e, inícios da década de 50, nomeadamente à época da revista Árvore, publicada entre 1951 e 1953. Por conseguinte, António Ramos Rosa não só escreve e publica há mais de meio século, como é seguramente o nosso poeta contemporâneo vivo que conta com uma obra mais extensa, reunida em livro ou publicada dispersa, por compulsão voluntária de partilha ou por solícita colaboração em múltiplos projectos editoriais.

Tanto pelas suas dimensões como pela sua qualidade e significado no contexto da poesia contemporânea, não é difícil imaginar que a obra ramos-rosiana será objecto, num futuro próximo, de vários encontros e congressos científicos mais alargados, reunindo diferentes especialistas, nacionais e estrangeiros. Não obstante, concordar-se-á certamente que o encontro de que aqui se edita a versão escrita (e mediática), podendo ser uma espécie de prolegómeno desse desejável estudo e debate alargados, representa aquele que será sempre o núcleo mais perene, porque simbólico ou literariamente mais consequente, da recepção crítica à obra de António Ramos Rosa. Com efeito, todo o leitor que é em simultâneo escritor, é quem verdadeiramente define o futuro das formas e dos valores

literários, como oportunamente expôs a ensaísta brasileira Leyla Perrone-Moisés¹.

Obviamente, não está aqui em causa sugerir que só os poetas podem ou devem falar de poesia, à imagem do que pretenderam, por exemplo, teóricos românticos como o alemão F. Schlegel (Lyceum der shoenen Kuenste, §117). Seria no mínimo estranho que defendesse tal princípio no lugar de enunciação donde me é dado apresentar um colóquio concebido e realizado numa Faculdade de Letras. Mas aquilo que não posso deixar de subscrever é que a leitura crítica dos poetas tem um estatuto muito próprio e central no contexto do campo literário, pois, paralelamente a todo o valor simbólico de que se reveste, desde logo pelo estatuto cultural dos seus sujeitos enunciadore, representa também um processo reflexivo e auto-reflexivo, explícita ou implicitamente judicativo, de que a própria poesia se vai nutrindo ao longo dos tempos, enquanto “fala de ninguém”, seguindo a expressão adoptada por um dos poetas presentes no colóquio. Tudo o resto faz parte das polémicas que, ciclicamente, têm pautado a vida literária, em Portugal como no estrangeiro, e que visam, na maior parte dos casos, legitimar postos ou redefinir fronteiras de poder simbólico, mais do que discutir princípios estéticos ou deontológicos.

Independentemente do estatuto académico e do percurso profissional de cada um dos cinco intervenientes em “Poesia do Século XX com António Ramos Rosa ao fundo”, foi na qualidade de poetas-críticos que foram convidados a apresentar a sua leitura da poesia ramos-rosiana. Ainda que possa soar como redundante, uma vez que na tradição da modernidade estética todo o poeta é crítico, a expressão hifenizada que surgia na divulgação do colóquio e que aqui reitero, pretende visualizar tanto a associação como a autonomia relativa de cada uma das condições ou, se quisermos, de cada uma das dimensões da escrita.

Poderia dizer-se também ao contrário: estes são críticos-poetas, mas

(1) Cf. Leyla Perrone-Moisés, *Altas Literaturas - Escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

como a ordem dos factores não é indiferente, insisto na fórmula “poetas-críticos”, mesmo que não vá ao ponto de considerar que a crítica que fazem seja um subproduto da sua actividade criadora, consoante estabelecia T. S. Eliot para o caso do crítico que também é poeta².

O próprio António Ramos Rosa foi ao longo de toda a segunda metade do século XX um poeta-crítico com uma considerável obra “leitural”, para de novo invocar Leyla Perrone-Moisés num dos seus sugestivos neologismos. Talvez tenha sido mesmo aquele que mais escreveu sobre os seus pares, designadamente sobre os poetas participantes neste encontro (com excepção de Pedro Mexia que começou a publicar praticamente quando o autor de Incisões Oblíquas abandonou a leitura e a crítica mais regular de outros poetas, incluindo as obras de jovens poetas).

Também cada um destes cinco autores já se havia debruçado uma vez ou outra (alguns mais do que uma vez) sobre a poesia ramos-rosiana³. Nunca, todavia, se tinha congregado um painel que abrangesse ao mesmo tempo poetas de sucessivas gerações, reflectindo sobre a obra daquele que é, reconhecidamente, um dos nossos maiores poetas da segunda metade do século XX. O espírito que presidiu à estrutura deste colóquio foi, pois, o de convocar, ou mesmo provocar, uma leitura plural da obra de António Ramos Rosa que, por encadeamento e/ou por cruzamento, reflectisse tam-

(2) T. S. Eliot, *To criticize the critic and other writings*. Ed. ut. *Criticar al critico y otros escritos*, Madrid, Alianza Editorial, 1967, p. 13.

(3) Para além de referências dispersas em jornais e revistas, veja-se, de Fernando Guimarães: “António Ramos Rosa - a poesia sob a forma de ciclo” in *Colóquio/Letras*, 45, Setembro de 1978, pp. 28-35 e “A reconcência de imagens em António Ramos Rosa” in *A Poesia Contemporânea Portuguesa e o Fim da Modernidade*, Lisboa, Caminho, 1989, pp. 45-56; de Gastão Cruz: “António Ramos Rosa poeta realista”, *Diário de Lisboa*, 16 de Abril de 1964, p. 21 e “Nudez, Evidência, Pobreza, nas Palavras de António Ramos Rosa”, *A Poesia Portuguesa Hoje*, Lisboa, Plátano Editora, 1973, pp. 121-126; de Fernando Pinto do Amaral: “As palavras mais simples” in *JL*, 8 de Maio de 1984, p. 12 e “António Ramos Rosa: a divina matéria” in *JL*, 30 de Maio de 1989, p. 21; de Pedro Mexia, “Algumas das palavras”, *DNA*, 12 de Maio de 2001, pp. 42-45.

bém alguma da historicidade da escrita-leitura da poesia portuguesa da segunda metade do século XX.

Por formação profissional, por opção (in)consciente ou pela circunstância em si, com uma inevitável componente institucional, as leituras apresentadas não enveredaram propriamente por uma “crítica parcial e apaixonada”, no sentido baudelairiano⁴, à excepção de um ou outro apontamento por ocasião do debate. No entanto, não será de todo impossível recuperar alguns pontos de afirmação e de mutação no pensamento poético da últimas décadas se atendermos quer aos pontos de abordagem escolhidos, quer a algumas das particularidades sublinhadas, ou quer mesmo à forma discursiva de cada uma das leituras dos cinco poetas-críticos. Isto significa que, neste caso, a actividade crítica não contempla apenas duas espécies de relação: a relação da linguagem crítica com a linguagem do autor analisado e a relação da linguagem-objecto com o mundo⁵; nela existe também uma terceira relação implícita, ou seja, uma relação entre poéticas - a do autor analisado e a do autor que analisa. Por outras palavras: apesar de serem textos relativamente breves e manifestamente circunstanciais, não deixam de constituir passagens de uma crítica autoral (para além de um ou outro pormenor autobiográfico).

De resto, foi essa toda a especificidade deste colóquio e todo o nosso privilégio enquanto ouvintes e enquanto participantes no momento de debate, conduzido pelo Professor Arnaldo Saraiva, também ele um leitor atento de António Ramos Rosa, com quem privou durante bastantes anos.

Deixe-se ainda aqui registado que, por motivos de saúde, António Ramos Rosa não esteve presente nesta homenagem que sobrelotou o Anfiteatro Nobre da Faculdade de Letras, num dia de particular e rigorosa tempestade. Mas a sua ausência física foi de algum modo compensada pelas palavras que fez questão de enviar expressamente para o encon-

(4) Charles Baudelaire, “À quoi bon la critique?”, *Salon de 1846* in *Œuvres Complètes*, Paris, Seuil, p. 229.

(5) Cf. Roland Barthes, “Qu’est-ce que la critique?”, *Essais Critiques*, Paris, Seuil, Coll. Points, 1964, p. 255.

tro. Ousaria até afirmar que essa acabou por ser a forma mais emblemática de Ramos Rosa estar entre nós, porquanto tem sido sempre esse, ao longo do tempo, o seu modo de presença no mundo: aparentemente distante, se não mesmo alheado, embora atento aos mais ínfimos sinais e afectuosamente próximo dos outros pelos gestos das palavras.

Assim, num jogo de espelhos (in)voluntário, mas em todo o caso sintomático, quis António Ramos Rosa que fosse lido na sessão que lhe era dedicada o poema que a seguir se transcreve e com que ele, por seu turno, havia acabado de homenagear um outro poeta e amigo:

A João Rui de Sousa pelo seu aniversário

*Il ne se passe pas grand - chose... mais à condition d'être suffisamment attentif,
on trouve toujours des petits détails à raconter*
Patrick Deville (Longue Vue)

*...é sempre de um outro para um outro
no vazio numa distância
num espaço branco
propício à imagem
a uma metamorfose talvez*

*talvez porque
não perdemos a possibilidade de admirar
o simples insignificante na singularidade indizível
talvez o espaço a cor o gosto
de respirar através de uma sombra
o gosto de um fruto
um fragmento do indivisível
e a ignorância de ver
no ébrio entusiasmo paciente
de sermos nada
na lentidão vaga da visão
entre duas cores ou dois matizes de uma cor
o amarelo e o dourado*

*a música de uma sombra diluída
fronteira flutuante entre duas sílabas
um pequeno pormenor a génese indecisa
de um começo
de uma outra sintaxe
que respira
como o azul no cinzento
a cor viva de um enigma amoroso*

Se ainda alguma dúvida houvesse, teria bastado este gesto remissivo do próprio António Ramos Rosa para esclarecer, em definitivo, que homenagear o autor de “Não posso adiar o amor para outro século” é reconhecer nele o constante “passeur” da poesia: tanto a sua como a dos outros. Numa constante permeabilidade de vozes que, confirmadas na sua presente dignidade, prenunciam já o continuum desviante de um futuro próximo.

Ana Paula Coutinho Mendes

FLUP, Dezembro de 2004